

EM entrevista à «Tribuna da Imprensa» o dr. Ervásio de Carvalho, engenheiro atômico do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, afirma que não há «o menor perigo» na chuva de estrôncio 90 que está caindo sobre o mundo; acrescenta que «alguns cientistas alarmistas, com o suposto intuito de impedir a guerra, têm feito escândalo em torno do assunto».

Não conheço o dr. Ervásio, nem sei se ele tem outros títulos, além desse de engenheiro atômico, para opinar de maneira tão categórica sobre um assunto tão grave.

Creio que fui a primeira pessoa a tratar publicamente desse assunto no Brasil. Agi como repórter — e o repórter é antes de tudo um provocador, um homem que traz para a rua os fatos só conhecidos de um pequeno grupo. Aponsei um fato: pela primeira vez na História do Mundo a preparação de uma guerra está causando alterações físicas em todo o planeta. O ar que respiramos, a água que bebemos, a comida que comemos estão sendo afetados pelas explosões termo-nucleares feitas no Pacífico e na Sibéria. O dr. Ervásio afirma que essas alterações não são perniciosas, e diz ainda mais: que cientistas brasileiros, há mais de um ano, haviam encontrado vestígios de estrôncio e outros isótopos radioativos na atmosfera sem dar ao fato maior importância «por julgá-lo desprovido de interesse científico».

Isso não é exato. Seguindo as recomendações da Comissão Científica Sobre os Efeitos da Radiação Atômica, das Nações Unidas, cuja conferência ele presidiu no ano passado em Nova York, o eminente professor Carlos Chagas Filho está ultimando as providências para o controle, em vários pontos do território nacional, da chuva de isótopos radioativos. Esse controle deve ser feito em todo o mundo, mesmo porque a distribuição da chuva de estrôncio é desigual, dependendo de fatores meteorológicos e outros ainda não bastante conhecidos.

A maior parte dos cientistas acha, na verdade, que, nas quantidades atuais, a chuva de estrôncio não pode afetar nossa saúde, embora em princípio ela seja considerada indesejável. As dúvidas crescem, entretanto, quando se consideram os efeitos dessa chuva atual sobre as futuras gerações; isto é, a possibilidade de vir ela a provocar ou já estar provocando mutações genéticas indesejáveis. Tenho em mão o relatório sumário publicado no ano passado pela Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. Os professores de genética afirmam ali: «Do ponto de vista desta Comissão há duas advertências sumárias que devem ser feitas. Primeiro, como qualquer radiação adicional é geneticamente indesejável, a dose da atual precipitação é geneticamente indesejável. Segundo, a dose atual da precipitação... é pequena em comparação com a radiação de «background», ou comparada com a média de exposição de indivíduo, nos Estados Unidos, aos raios X médicos».

Depois de sugerir uma quantidade mínima de radiação que não deve ser ultrapassada, diz a Comissão: «Estas recomendações devem ser interpretadas à luz do fato básico de que qualquer (em inglês: any) radiação adicional é geneticamente indesejável. Nossa sociedade deve, portanto, ser sujeita ao mais baixo nível possível de radiação adicional. Se alguns números (como por exemplo 10 roentgens) aparecem nesta recomendação, deve ser enfaticamente acentuado que isso não quer dizer que quantidades menores que as indicadas por êsses números sejam, para dizer assim, «all right»; e por outro lado nem por um momento deve ser entendido que haverá um desastre súbito se essa quantidade for excedida».

E mais: «Sempre que uma determinada quantidade for citada, é com a seguinte idéia: fique não longe dela quanto possível; não considere que ela seja uma quantidade de radiação geneticamente não perniciosa, pois o único número que pode exprimir uma quantidade nessas condições é o número zero».

Uma das recomendações dos geneticistas é no sentido de que «as autoridades médicas deste país iniciem um vigoroso movimento para reduzir a exposição à radiação dos raios X ao mais baixo limite compatível com as necessidades médicas; e em particular que sejam tomadas medidas adequadas para assegurar que sejam mínimas as doses de radiação a atingir as células reprodutoras».

Estamos diante de um fato novo: o mundo inteiro está sendo sujeito a fenômenos cuja gravidade ainda desconhecemos, mas cuja perniciosidade é certa.

Êsses fenômenos são produzidos pelos «tests» preparatórios de uma guerra termo-nuclear que, se vier, e utilizar os estoques de bomba já acumulados na Rússia e nos Estados Unidos, será suficiente para destruir a maior parte da humanidade, causar danos terríveis ao restante, e danos ainda maiores à descendência dos sobreviventes. Ora, os «tests» continuam, os estoques aumentam — e enquanto isso o estrôncio e outros isótopos radioativos que já estão espalhados em volta de toda a Terra continuam a cair e cairão ainda por muitos anos, mesmo que as experiências sejam suspensas hoje.

Pode ser que nada disso seja alarmante; mas talvez seja exagerado dizer que é «desprovido de interesse científico».

Creio que êsses problemas podem e devem ser discutidos publicamente pelos cientistas, para que o povo seja bem informado. Afinal de contas é o povo — são os povos de todo o mundo que pagam a conta das guerras. Se a opinião mundial puder ser mobilizada para evitar que os Estados Unidos e a Rússia continuem a envenenar a atmosfera de todo o planeta — então, meu caro dr. Ervásio, abençoados sejam os «cientistas alarmistas». Eu por mim, não sou nem cientista, nem alarmista, nem alarmado — e se o doutor quiser que eu lhe fale com franqueza, estou, nestes últimos tempos, menos impressionado com tôdas essas questões do que com a maravilhosa tonalidade que assumiu, neste verão, a pele morena de uma determinada senhora que toma banho de sol, de mar e de estrôncio 90 nas brancas areias de Ipanema. Para onde me encaminho neste momento, na doce esperança de vê-la, antes que este pobre mundo leve a breca.

174